

SENTIDOS COMPARTILHADOS E LIÇÕES DAS PRÁTICAS DE PROFESSORES DE ENSINO MÉDIO EM TEMPOS DE PANDEMIA

SHARED MEANINGS AND LESSONS FROM THE PRACTICES OF HIGH SCHOOL TEACHERS IN TIMES OF PANDEMIC

SENTIDOS COMPARTIDOS Y APRENDIZAJES DE LAS PRÁCTICAS DOCENTES EN LA EDUCACIÓN SECUNDARIA DURANTE LA PANDEMIA

SENS PARTAGES ET ENSEIGNEMENTS DES PRATIQUES PÉDAGOGIQUES AU LYCÉE EN TEMPS DE PANDÉMIE

Laeda Bezerra Machado* 



INTRODUÇÃO

Este artigo resulta de uma pesquisa mais ampla e tem como objetivo geral identificar as representações sociais de escola de ensino médio em tempos de pandemia, construídas por professores, indicando seus sentimentos e possíveis lições das práticas vivenciadas. O interesse em realizar a investigação da qual originou este texto relaciona-se às experiências e mudanças na prática pedagógica das escolas de ensino médio durante quase dois anos de pandemia.

Sem igual na história a pandemia de COVID-19 que afetou a todos os países no ano de 2020 implicou na urgente necessidade de distanciamento social, as escolas foram levadas a fechar suas portas e respondendo a demandas sociais e econômicas, essas instituições passaram a adotar diferentes estratégias na tentativa de garantir à distância a continuidade do processo de escolarização. A fim de minimizar os impactos do isolamento, medidas excepcionais como o ensino remoto foram adotadas e, apesar da educação a

* Universidade Federal de Pernambuco.

distância já existir a muito tempo, nunca se teve antes a necessidade de uma substituição completa do sistema de ensino presencial pelo sistema remoto.

Nesse novo contexto, docentes e estudantes foram obrigados a realizar seu trabalho de outra maneira, ou seja, em espaço virtual, adaptando suas atividades, desenvolvendo habilidades para lidar com novas ferramentas e metodologias para responder a essa situação inteiramente inusitada.

A pandemia e suas implicações em diferentes aspectos têm sido amplamente abordadas no âmbito da literatura. No caso específico da educação são destacadas as desigualdades expostas por essa crise sanitária, desgastes e problemas emocionais para estudantes; agravamento da precarização do trabalho dos professores, não garantia efetiva do direito à educação, além das imprevisíveis consequências dessa crise.

Conforme Santos (2020), nas diversas sociedades as formas de viver e de se relacionar mudam ao longo do tempo, no entanto a pandemia impôs modos que até então pareciam impossíveis em nossos tempos. No campo educacional, a adoção de medidas em caráter de emergência, particularmente o ensino remoto, deu visibilidade à desigualdade social em toda sua extensão tornando excluídos aqueles que não tivessem acesso à rede mundial de computadores, à internet e tecnologias de informação e comunicação.

A respeito dessas desigualdades e referindo-se à educação básica, Pugliesi (2021) salienta a triste realidade brasileira. Segundo o autor, essas discrepâncias se intensificaram exponencialmente no contexto da pandemia, uma vez que as classes populares já excluídas e espoliadas têm seu direito à educação ameaçado, pois são desprovidas das mínimas condições de aprendizado nesse contexto de novas exigências. Na mesma direção de Pugliesi (2021), Niz e Tezani (2021), em pesquisa sobre as lições da Pandemia, indicam que o cenário inesperado explicitou as desigualdades em diversas áreas, mas principalmente a educacional. Nessa área, a tendência tem sido reproduzir de modo ampliado estratégias de ensino por meio das tecnologias digitais, que não são totalmente acessíveis para todos os estudantes e professores. As autoras destacam que os impactos são diversos e ainda imensuráveis, uma vez que o ensino remoto emergencial alcançou apenas uma parcela dos alunos e tem sido um desafio o uso das tecnologias digitais como ferramentas no processo de ensino e aprendizagem.

A pandemia da COVID-19, de acordo com Santana e Sales (2020), evidenciou as fragilidades da educação e, ao mesmo tempo, expôs a necessidade de transformação dos modos de ensinar e aprender no século XXI. Os autores acrescentam que, no contexto da cibercultura, a educação não pode ficar reduzida a práticas de transmissão de conteúdos. Afirmam: “a escola precisa apresentar o diferencial nesses processos de ensino que são remotos e emergenciais. Esse diferencial, certamente, é a prática docente que deveria acumular conhecimento específico e didático para apresentar ao estudante em isolamento o que ele efetivamente precisa num cenário de incertezas que uma pandemia carrega” (Santana; Sales, 2020, p. 86).

Em estudo sobre o trabalho docente em tempos de pandemia, Araújo e Yannoulas (2021) afirmam que as mulheres professoras foram as mais impactadas durante essa crise. Para as autoras, o aumento da sobrecarga de trabalho, horários atípicos, aceleração no desempenho das atividades, invasão da dimensão privada da vida e a ausência de condições materiais afetaram sobremaneira a produção docente, sendo o principal alvo as professoras, que tiveram sua jornada de trabalho multiplicada.

Sobre o comportamento dos estudantes durante a fase inicial da pandemia, o Conselho Nacional de Juventude, no primeiro semestre de 2020 constatou que essa crise sanitária “estava afetando diferentes aspectos da vida dos jovens em geral, como a qualidade do sono, a disponibilidade de recursos financeiros, os relacionamentos em casa e, principalmente, a saúde mental”(p. 69).

Um trabalho realizado por Vasquez *et al.* (2021) mostrou que o tempo de exposição às telas, a inversão do sono, as dificuldades do ensino remoto e casos de Covid-19 em casa, estavam associados a sintomas de depressão e ansiedade durante a primeira onda da Covid-19 na região metropolitana de São Paulo. O estudo reforça os desafios colocados às escolas para a promoção da saúde mental dos estudantes no período pós-pandemia.

Neri e Osório (2021), em estudo quantitativo sobre a pandemia da Covid-19, indicam um agravamento nas desigualdades regionais de educação no Brasil durante a pandemia, além de uma inversão da tendência ao crescimento e à equidade. Os resultados da pesquisa desses autores mostram que os alunos mais pobres, os da rede pública, aqueles em lugares mais remotos

e em particular os mais novos foram os que mais perderam tempo para escola na pandemia.

Ao analisar o processo de democratização do acesso à internet e os seus impactos na educação durante a pandemia de COVID-19 no Brasil em 2020, Macedo (2021) indica tratar-se de algo imprescindível para as escolas públicas e estudantes em tempos de crise. A autora reitera o quanto essa crise causada pela pandemia do coronavírus foi dramática para todo o setor educacional e, citando Anísio Teixeira (1956, p. 18), adverte que não podemos aceitar “o dualismo pacífico entre os ‘favorecidos’ ou ‘privilegiados’”. Mas, ao contrário, é preciso lutar por uma educação comum e acessível a todos, mesmo em tempos de crise.

As considerações dos autores acerca do problema aqui apresentado associadas ao nosso contato com alunos recém-saídos do ensino médio remoto nas escolas nos encaminharam para investigar a escola de ensino médio em tempos de pandemia. Nos limites deste texto buscamos identificar as representações sociais de escola de ensino médio em tempos de pandemia, construídas por professores, indicando seus sentimentos e possíveis lições das práticas vivenciadas.

A construção das representações sociais ocorre quando um objeto estranho chama a atenção e/ou provoca certo desequilíbrio no sujeito, que deseja nomeá-lo e explicá-lo. O conteúdo novo desloca-se para o interior dos saberes correntes e aquilo que era desconhecido para o sujeito penetra no seu interior, e efetiva a criação de representações sociais (Moscovici, 2003).

Tendo em vista o caráter *sui generis* da Teoria das Representações Sociais para o estudo de objetos estranhos e perturbadores admitimos sua relevância para se investigar a pandemia e seus impactos para os professores de ensino médio.

METODOLOGIA

Realizamos uma investigação qualitativa caracterizada como estudo de campo em escolas de ensino médio localizadas em Recife. Os participantes foram 15 professores de diferentes disciplinas, selecionados considerando-se o tipo de instituição em que ensinavam, ou seja, foram docentes de escolas de referência (EREM), regulares (ER) e técnicas (ETE) de nível médio.

A técnica de coleta de dados utilizada foi a entrevista semiestruturada. Esse tipo de entrevista facilita a interação com o sujeito, permite esclarecimentos e adaptações. Consideramos que nas conversas são veiculados valores que ajudam na captura de representações sociais (Moscovici, 2003). Obedecendo aos procedimentos éticos, a participação dos sujeitos foi voluntária e eles assinaram um termo de consentimento livre esclarecido.

Como recurso complementar à entrevista, utilizamos a “indução de metáforas,” trata-se de uma técnica utilizada por pesquisadores em representações sociais, como Mazzotti (1998) e Andrade (2007). Para aplicá-la, ao final da entrevista, fazíamos as seguintes perguntas aos sujeitos: “se, por exemplo, você como professor durante a pandemia, fosse uma coisa, um animal, um vegetal, um mineral o que seria? Por quê?” A técnica faz com que os sujeitos falem de modo menos racionalizado sobre o que se investiga.

Para a análise das entrevistas utilizamos a análise de conteúdo, desenvolvida por Bardin (2007). A análise de conteúdo permite compreender de modo abrangente o universo do material investigado. Fizemos uso da análise categorial temática, considerada a que melhor se adequa à investigação qualitativa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base nas entrevistas, nesta seção apresentamos categorias temáticas que expressam representações sociais de escola de ensino médio em tempos de pandemia, construídas por professores. Essas categorias são: *A pandemia nos sentimentos e recordações de professores*; *Ensino remoto: caracterização e consequências*; *Lições de um período difícil* e, por fim, apresentamos e discutimos as metáforas que definem os docentes durante a pandemia.

A pandemia nos sentimentos e recordações de professores

Para os professores, sentimentos de medo, ansiedade, incerteza em relação ao futuro, tristeza, desinteresse, ausência dos alunos e dificuldades de adaptação ao ensino remoto são os sentimentos e as maiores recordações do período da pandemia.

Uma parcela dos entrevistados revela o medo como o principal sentimento que os invadiu. Eles declaram: “[...] medo e ansiedade ... Ansiedade gera medo e tudo.” (Prof 15/ Mat/ ETE)¹; “medo principalmente de se contaminar com a doença [...] eu moro com meus pais, com minha mãe, o principal medo era eu me contaminar e passar pra eles.” (Prof 8/ Cien Bio/ EREM); “ medo, tinha muitos pesadelos para mim era o fim de mundo [...] foi bem assustador a ponto de tentar não assistir mais TV, noticiários sobre a pandemia[...] Então, assim, era difícil viver, conviver com isso” (Prof 7/ Hist/ EREM).

Outros professores falam do sentimento de incerteza e falta de perspectivas gerado pelo isolamento. Esses profissionais dizem: “[...] senti total falta de perspectiva de como seria o futuro? Será que vai acabar essa doença? Será que vai ter uma vacina eficaz?” (Prof8/ Cien Bio/ EREM); “a incerteza do outro dia era minha preocupação” (Prof 11/ Mat /EREM).

Como recordação os professores falam da perda de amigos durante a pandemia e o sofrimento que vivenciaram. Eles contam: “Eu perdi amigos, eu perdi dois colegas de trabalho na saúde e perdi dois na educação” (Prof 12/ Hist/ ER); “[...] perdi também amigos e pais de amigos até quase que perco familiares mesmo, que ficaram intubados mas por sorte por Deus sobreviveram. [...]” (Prof 10/ Mat/EREM).

O grupo de entrevistados faz desabafos sobre o desinteresse e abandono por parte dos alunos durante a pandemia no que se refere ao ensino. Afir-mam: “[...] eu fiquei um pouco triste porque, pelo abandono dos estudantes no decorrer do processo [...] chegou um momento que eu estava fazendo as aulas pra uma quantidade muito pequena... de estudantes” (Prof 3/Cien Bio/ ETE); “o sentimento era de solidão já que os alunos quase não participavam, entravam no *online* pra registrar a presença, mas não abriam a câmera, uma coisa muito distante, fria” (Prof 5/ Mat/ EREM).

Dificuldades de adaptação à nova realidade do ensino remoto foram mencionadas. Um entrevistado diz: “[...] eu sou a favor da tecnologia, mas o impacto foi muito grande para nós professores e para os próprios alunos” (Prof

¹ Codificação utilizada pra preservar a identidade dos participantes. Caracteriza o numero de ordem de participação do professor e na pesquisa, seguido do tipo de escola e disciplina da qual é docente.

13 /Geo /ER). Outros dois participantes falam de impotência como sentimento marcante durante a pandemia.

Os depoimentos dos professores revelam sentimentos diversos sobre a pandemia, tais como medo, ansiedade, incertezas em relação ao futuro, tristeza devido à perda de entes queridos, desinteresse e ausência dos alunos, além de dificuldades de adaptação ao ensino remoto.

O que podemos depreender do material verbal organizado nesta categoria é uma convergência dos sentimentos e recordações marcados por medo, incerteza, ansiedade, além da preocupação com o desinteresse dos estudantes e suas implicações.

Ensino remoto: caracterização e consequências

Entre os participantes ganharam destaque as mudanças em relação ao trabalho com os conteúdos, estratégias metodológicas e de avaliação; dificuldades materiais e de acesso às tecnologias enfrentadas pelos alunos, precárias condições de trabalho docente, distanciamento e ausência dos estudantes.

No que se refere ao trabalho com conteúdos; estratégias metodológicas e avaliação, os professores em suas falas destacam a capacidade de reinvenção. A maioria destaca que o ensino remoto trouxe consigo a necessidade de mudar e repensar estratégias para tornar os conteúdos mais atrativos para os estudantes. Por exemplo, referem-se ao estudo e uso de metodologias ativas para desenvolver seu trabalho. A esse respeito falam: “[...] primeiro que a gente, precisou se reinventar [...] pensar em metodologias mais ativas [...] tornar essas aulas mais interessantes e atrativas” (Prof 1/Port/ETE); “a gente precisou adaptar toda forma de ensinar o conteúdo pra conseguir mesmo captar a atenção deles pra aquele momento de aula”(Prof 14/ Port/ ETE).

Lembramos que, segundo Morán (2015), dentre outros aspectos, as metodologias ativas buscam tornar os alunos mais interessados durante o processo de aprendizagem. Nessa tentativa os professores lançaram mão de ferramentas e recursos tecnológicos diversos em suas práticas. Falaram de ferramentas visuais como gráficos, fluxogramas e outros recursos como *quiz*, *canva*, *powerpoint*, *jamboard* etc. Sobre essas estratégias disseram: “[...] realmente uma das coisas que mais mudou pra gente [...] como a gente colocar

um *quiz* numa aula de literatura [...] assim realmente foi tentar não fazer com que essa peteca caísse” (Prof 1 / ETE/Port); “[...] eu trabalho com matemática, eu tive que contextualizar muito mais, eu fiquei fazendo mais gráficos, mais fluxogramas etc” (Prof 5/ EREM/ Mat); “[...] no ensino remoto, eu tive uma certa facilidade, porque eu tinha o *canva*, *powerpoint*, o *jamboard* então ali era um quadro digital, eu saía colocando imagens, colocando foto, colorindo [...]” (Prof 9/ EREM/ Mat); “na questão do conteúdo eu coloquei mais visual” (Prof 13/ ER/ Geo).

Sobre avaliação durante o ensino remoto é recorrente nos depoimentos dos professores que a principal mudança foi que ocorria por meio de formulários online a serem respondidos pelos estudantes. Tal medida gerou certa insatisfação, pois para os professores, esse formato de dificulta o diagnóstico do que foi aprendido pelos discentes. Revelaram ainda que, quando avaliados via internet, os alunos podem fazer consultas e contar com a ajuda de outras pessoas para realizar a avaliação. Eis algumas das declarações acerca da avaliação no ensino remoto: “[...] a avaliação ficou mais fácil, mais branda [...] ele consegue resolver tudo através da internet, através da consulta.” (Prof 5/ EREM/ Mat); “[...] eles respondem o formulário e 37 copiam a resposta de três estudantes que responderam [...]” (Prof 9/EREM/Mat); “[...]era extremamente difícil ter um panorama real da aprendizagem do aluno porque um passava a resposta pro outro”(Prof 14?ETE/ Port).

Os professores falam de dificuldades vivenciadas pelos alunos como falta de recursos tecnológicos em seus domicílios e a ausência de contato direto com os colegas. Sobretudo, devido às condições desiguais de acesso as ferramentas digitais, eles admitem que, em suas aulas, não conseguiam avançar para não prejudicar os alunos que estavam excluídos por não disporem dessas tecnologias. A respeito dessas dificuldades, afirmam: “[...] muitos não têm computador, não têm celular, não têm internet, têm pegar internet do vizinho. O celular tem que esperar o pai chegar, a mãe pede pra ser rápida a aula porque o pai vai chegar e vai ligar o som bem alto” (Prof 7/ EREM/ Hist); “[...] então, o contato direto aqui é muito melhor, tanto que até hoje os meninos quando a gente fala amanhã, “aula online”, eles ficam bem chateados”(Prof 8/ EREM/Cien Bio).

Os depoimentos dos entrevistados acerca das dificuldades dos alunos durante o ensino remoto estão de acordo com Cunha (2020) quando afirma que durante o período pandêmico muitos alunos não possuíam aparelhos celulares para operarem com eficiência e acesso de qualidade à internet e por isso foram prejudicados.

Os resultados organizados neste tópico demonstram que as condições desfavoráveis de trabalho ganham centralidade nas representações sociais construídas por esses professores.

Os docentes enfatizaram o distanciamento e a falta de envolvimento dos estudantes nas atividades escolares. Sobre isso fizeram os seguintes comentários: “[...] essa coisa da presença educativa, do conhecer, do acompanhar, a pandemia afastou muito, tirou muito essas relações que fortalecem a aprendizagem” (Prof 1/ ETE/ Port) ; [...] eu não sabia o que o estudante sentia através de uma tela [...] às vezes até brincava: “Ei parede!” [...] a gente precisa do contato social e a escola tem muito...” (Prof 3/ ETE/ Cien Bio); “[...]a gente acabou ficando mais distante deles eu notei, a gente não tinha como ter abraço”(Prof 7/EREM/Hist); “[...]quando começava a aula, eles ficam mudos não participavam, é tudo mudo assim, ninguém fala” (Prof 8/EREM/ Cien Bio); “ [...] eles ficaram mais distantes assim da gente, deu pra sentir isso quando a gente voltou [...] a participação nas aulas remotas era muito baixa”(Prof 14/ Port/ ETE)

Um grupo menor de entrevistados fala do relacionamento virtual com aqueles alunos que já eram mais próximos e bem relacionados. Segundo afirmam, com esses foi possível manter os vínculos, mas com os mais inibidos tornou-se ainda mais difícil a relação.

Apenas um dos docentes relata que o ensino remoto gerou aproximação virtual com os alunos. Afirmou: “[...] nos aproximamos virtualmente [...] através dos grupos de *whatsapp* [...] entravam em contato comigo durante todo o dia e tarde da noite” (Prof 6/ EREM/ Port).

Sobre as condições de trabalho durante o ensino remoto, há maior ênfase nos pontos fracos desse trabalho. Nos depoimentos predominam aspectos tais como: a falta de equipamentos para desenvolver suas atividades, problemas de conexão com a internet, iniciativa tardia por parte do Estado para ga-

rantir as condições de trabalho. Algumas falas são expressivas desses pontos: “[...] eu e os professores mais novos, a gente não tinha um computador adequado para dar aulas. Meu computador era super lento” (Prof 8 /EREM /Cien Bio); “[...] comprei câmaras, comprei máquina digitadora, um custo” (Prof 9/ EREM/ Mat); “[...] nem a gente, nem os alunos tinha os aparelhos tecnológicos que pudessem suprir aquela demanda de aula online” (Prof 15/Mat /ETE); “[...] conectividade, a condição do próprio aparelho, né[...] a conectividade é o grande ponto negativo” (Prof 10/EREM / Mat).

A respeito da iniciativa tardia por parte do poder público em fornecer recursos e tomar providências pedagógicas após o fechamento das escolas, falam: “o sistema acho que demorou demais organizar, a gente ficou muito largado [...] a gente foi andando meio que sozinho e as coisas chegaram depois, acho que isso foi muito negativo” (Prof 1/ ETE/Port); “[...] o governo não deu nenhuma estrutura pro professor em nenhum momento. Ele veio dar quando já tinha voltado pra escola” (Prof 3/ETE/Cien Bio); “[...] a gente teve que usar nossa internet, teve que se virar e se reinventar pra não parar” (Prof 7/ EREM/ Hist).

Os pontos fortes do ensino remoto, segundo os professores, são difíceis de identificá-los, mesmo assim admitem como positiva a possibilidade de se reinventar frente ao uso de tecnologias criando outras estratégias de trabalho. Afirmam: “[...] a gente se renovou, a gente foi criativo, rompeu barreiras que muito tempo atrás a gente não acreditava que era possível acontecer” (Prof 3/ ETE/Cien Bio); “essa questão de tecnologia, trabalhar slides, trabalhar vídeos, trabalhar formas, eu acho que isso é muito positivo” (Prof 5 /EREM/ Mat).

Ainda foi vista como favorável pelos professores a comodidade de trabalhar em casa. Disseram: “[...] o melhor foi o conforto. Moro em São Lourenço [...] então eu tenho uma hora e meia de distância daqui do colégio pra lá e não precisava disso, era só ligar o meu computador” (Prof 8/ EREM/Cien Bio); “ porque a gente estava na nossa casinha, na nossa casinha a gente tem tudo”(Prof 3/ ETE/ Cien Bio).

Conforme depoimentos reunidos nesta categoria, as representações sociais de ensino remoto são desfavoráveis para professores que, assim como os estudantes, enfrentaram desafios nesse ensino. Os entrevistados, apesar de revelarem a possibilidade de reinvenção pedagógica frente à suspensão do

ensino presencial, enfrentaram dificuldades materiais e técnicas para desenvolvimento do trabalho, problemas de relacionamento e limites no processo de aprendizagem dos alunos.

Lições de um período difícil

Como lições do período pandêmico, os professores reconhecem a necessidade de melhoria das escolas, condições pedagógicas e de trabalho mais adequadas incluindo o acesso a equipamentos tecnológicos os quais as escolas não dispõem.

Nos depoimentos prevalece a necessidade de políticas públicas que favoreçam a educação, pois a pandemia e o ensino remoto deram maior visibilidade às condições precárias de vida dos estudantes e de trabalho pedagógico nas escolas. Eles afirmam: “[...] então acho que a lição é de que a escola ela pode ser mais do o que ela já é (Prof 1/ETE/Port); “[...] a gente pode melhorar [...] mas não depende só do professor, depende da gestão, depende da política educacional (Prof 2/ETE/Mat); “[...] o Brasil precisa investir muito, precisamos de subsídios, de um aparato tecnológico mais abrangente de ambos os lados.” (Prof 4/EREM/ Mat); “ [...] eu acho que a lição principal é preparar mais as escolas [...] tem que trabalhar no social e o aluno tem que ter condições de ter acesso a isso.[...] (Prof 10/ EREM/ Mat).

Os entrevistados insistem que a garantia do direito à educação de qualidade tem implicações tais como: “[...] a internet deve ser gratuita e de qualidade pra todo mundo, ensino tem que ser gratuito e de qualidade para todos educação não é só o livro [...] é um conjunto” (Prof 12/ ER/ Hist).

A preocupação dos professores com a aprendizagem dos estudantes durante a pandemia foi reiterada diversas vezes, pois as suas condições materiais de sobrevivência são insuficientes para suprir as demandas educativas geradas pelo ensino remoto.

Outro aspecto marcante quando os professores se referem às lições que ficam da pandemia foi a redescoberta de si. Segundo afirmaram, eles buscaram se preparar, se reinventar, aprender frente aos desafios impostos. Sobre essa capacidade inventiva afirmam: “[...] foi uma coisa positiva para o professor. Eu acho que o professor, ele se reinventou, ele foi buscar” (Prof 3/ ETE/

Cien Bio); “[...] a gente tem que se preparar muito ainda assim, sobre isso, não tem não, teve não tem receita né?” (Prof 7/- EREM/ Hist).

Sobre essa capacidade de reinvenção os docentes falam da necessidade de se apropriar dos meios tecnológicos e aprender a operar esses recursos. Sobre essas mudanças frisaram: “[...] foi aprender a trabalhar com a tecnologia. Perder o medo da tecnologia, trazer a tecnologia pra sala de aula” (Prof-2/ETE/ Mat); “[...] grande aprendizado em relação, sobretudo, a essas plataformas. Acho que o principal aprendizado foi esse [...] a tecnologia é o futuro e isso está associado à educação” (Prof 8/EREM/Cien Bio); “[...] nós precisamos estar à frente nos processos tecnológicos porque a gente nunca sabe o que é que pode acontecer” (Prof 12/ ER/ Hist).

Um dos docentes fala do sentimento de perseverança, notadamente, em sua disposição para auxiliar os seus alunos. Afirma: “a principal lição é a perseverança. Independente do aluno estar diante de uma tela ou diante de um livro, cabe a nós orientar, mostrar o caminho que o aluno pode seguir diante de tantos caminhos que lhe são oferecidos na rede” (Prof 5/ EREM/ Mat).

Assim, de acordo com a maioria dos professores, a pandemia deixa como principais lições: a necessidade de se repensar as políticas públicas para a educação; a capacidade de reinvenção; e o enfrentamento de desafios frente aos limites vivenciados pelos estudantes nesse contexto adverso. Para esses profissionais, fica ainda como lição a capacidade de reinvenção frente aos desafios educacionais impostos.

Metáforas que definem os professores durante a pandemia

Como já informamos neste texto, ao final da entrevista perguntamos aos docentes *“se o seu trabalho durante a pandemia fosse uma coisa, um animal, um vegetal, um mineral, por exemplo, que seria e por quê?”* e, conforme as respostas, o trabalho foi associado a objetos e animais diversificados.

A prática docente durante a pandemia foi comparada por dois professores a plantas. Os demais associaram seu trabalho aos animais: tamanduá, camaleão, gato e fênix e aos objetos: cubo mágico, provedor (de internet), celular diamante, semente, girassol, sol e mar. Apenas um dos entrevistados não fez a comparação solicitada.

Agрупamos as justificativas dadas pelos docentes às associações em quatro grupos: necessidade de readaptação, reinvenção e transformação; emergência para suprir demandas; obstáculos na relação professor-aluno e desejo de oferecer suporte aos estudantes.

No primeiro grupo, necessidade de readaptação, reinvenção e transformação, reunimos respostas em que os docentes associam seu trabalho a cubo mágico, diamante, semente, fênix, tamanduá, camaleão, girassol, gato e planta. O conjunto dessas associações enfatiza termos como readaptar, crescer, florescer, evoluir. Os entrevistados se referem a mudanças gerais que viveram, a adaptações ou transformações que precisaram fazer a fim de conter e envolver os alunos nas aulas. Eis alguns trechos de suas falas: “seria [...] um animal que teria que se readaptar a várias situações um gato” (Prof.13/ ER/ Geo); “seria uma planta, porque floresce, pode abrir os caminhos. (Prof.12/ ER/ Hist); “uma fênix é bem representativa do que eu seria, ela ressurgue, se reinventa, ela volta a vida” (Prof.7/ EREM/ Hist.).

Como implicação do isolamento social provocado pela pandemia, os professores comentam que se tornou indispensável repensar os modos de trabalhar, principalmente as estratégias metodológicas que costumavam utilizar. Os depoimentos a seguir ilustram essa busca de revisão das práticas: “[...] um camaleão, pois tivemos que mudar completamente nossa metodologia e se adaptar aquele momento” (Prof. 10/EREM/ Mat) “[...] um tamanduá pra não perder os meus alunos na aula remota [...] pegava os bonecos do anime, naruto [...] ficava fuçando a internet assim forrageando, procurando alguma coisinha pra chamar atenção deles” (Prof 8/ EREM/Cien. Bio).

De modo semelhante ao que manifestaram os integrantes desta pesquisa a respeito da prática docente, um estudo desenvolvido por Souza, Ens e Oswald (2023) sobre as representações de professoras e coordenadoras pedagógicas sobre a pandemia, revelou que para esse grupo esse período nefasto trouxe mudanças repentinas, gerando aprendizagens variadas e necessidade de criar novas estratégias, possibilidade de reinventar-se.

As associações do segundo grupo destacaram a emergência de suprir demandas de trabalho ocasionadas pelo ensino remoto, nesses depoimentos os professores frisam os obstáculos enfrentados no período. O trabalho que desenvolvem é associado ao celular e o provedor de internet. Eis o que

dizem: [...] O objeto seria o celular, né? [...] porque foi a ferramenta que a gente teve naquele momento pra tentar suprir aí essa demanda, né? (Prof. 14/ ETE/ Port) “[...] seria um provedor, porque ele não pode desligar para o mundo todo. Então, o provedor que não parava de trabalhar nunca, quando não estava trabalhando estava pensando do que fazer pra poder produzir com ele” (Prof 15/ ETE/ Mat).

O que depreendemos das falas dos docentes que associam seu trabalho na pandemia ao celular e provedor de internet é a centralidade que esses recursos digitais ocuparam em suas vidas, sem eles não seria possível trabalhar. O que ainda fica evidenciado nos testemunhos, feitos por meio dessas metáforas, é a falta de limite entre o trabalho docente e a vida cotidiana. Tais resultados podem ser relacionados ao que afirmam Oliveira e Pereira Junior (2020) e Macedo *et al.* (2020), conforme constataram esses estudos a pandemia potencializou a carga de trabalho dos professores com um aumento significativo das suas horas de dedicação às atividades remotas.

No terceiro grupo reunimos falas que destacam de maneira negativa o relacionamento professor-aluno no período pandêmico, os depoimentos associam o trabalho docente na pandemia ao mar e as plantas. Conforme os professores, a falta de participação dos alunos durante as aulas foi constante. Os depoimentos, a seguir, reforçam as ausências, mesmo que estivessem disponíveis para orientá-los. Afirmam: “[...] assim como um mar. Só que pra você ter acesso ao mar você tem que ir lá. Certo? E o problema era o aluno chegar até lá, ele não chegava, ele se afastou.” (Prof 2/ ETE/ Mat); “[...] uma planta esperando sol. A gente não tinha muito o que fazer, estava de mãos atadas. Os pouquíssimos alunos que assistiam as nossas aulas ficavam estáticos” (Prof 4/ EREM/ Mat.).

Assim como constatamos neste estudo, Oliveira e Pereira Junior (2020) também revelam que um dos desafios enfrentados pelos docentes durante a pandemia foi a diminuição da participação dos alunos nas aulas e atividades propostas no ensino remoto.

Por fim, um dos professores ao caracterizar seu trabalho durante a pandemia, compara-o ao sol. O entrevistado nega que os alunos sejam desinteressados e enfatiza o papel do docente como o profissional que abre seus caminhos. Disse: “[...]o sol define mais [...]esse negócio dizer que o estudante não quer

isso é a maior mentira do mundo [...] eu levo a luz e eles me acompanham conforme o movimento é isso, comigo é assim, sempre (Prof. 3 / ETE / Cien. Bio)

O que podemos apreender da fala desse participante é que a associação feita ao seu trabalho docente independe de pandemia. Não identificamos em sua metáfora e justificativa referências a esse tempo adverso e suas consequências, mas um destaque para o papel social do professor em qualquer tempo.

Em síntese, assim como nas entrevistas, as metáforas elaboradas pelos docentes a respeito do trabalho que desenvolveram durante a pandemia, reforçam como elementos representacionais desse trabalho a capacidade de adaptação e reinvenção e os desafios enfrentados durante o período.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em resposta a questão proposta para esta pesquisa que deu origem a este artigo, podemos afirmar que, nas representações sociais de professores, a escola de Ensino Médio em tempos de Pandemia é marcada por mudanças. Essas representações têm centralidade no deslocamento do espaço de trabalho presencial para o virtual, isto é, o ensino remoto implicou em alterações nos seus modos de ensinar e se relacionar com os alunos.

No que se refere aos sentimentos que marcaram docentes durante o período pandêmico detectamos o sentimento de aprisionamento e suas consequências psicológicas como medo, ansiedade, incertezas e tristeza. Sentimentos negativos foram predominantes nas falas dos entrevistados. Tais sentimentos e atitudes foram corroborados com a técnica de indução por metáforas que convalidou os depoimentos.

As lições que ficam para professores do afastamento da escola, devido a pandemia, sugerem representações centralizadas na necessidade de repensar políticas públicas educacionais que proporcionem a melhoria do trabalho docente e capacidade de reinvenção frente aos desafios impostos.

Entendemos representações sociais como normas grupais que definem o que é o que não é próprio para os grupos. Assim, podemos dizer que os

docentes compartilham representações sociais marcadas por elementos como mudanças, adaptação à novidade ruim, tristeza e retrocessos para a educação.

Esses resultados confirmam o valor da escola como espaço de convivência social e aprendizagem para os professores, bem como os prejuízos educacionais provocados pelo isolamento social decorrente da pandemia.

SENTIDOS COMPARTILHADOS E LIÇÕES DAS PRÁTICAS DE PROFESSORES DE ENSINO MÉDIO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Resumo: Este artigo tem como objetivo identificar as representações sociais de escola de ensino médio em tempos de pandemia, construídas por professores indicando sentimentos e possíveis lições das práticas vivenciadas. Utilizando a entrevista semiestruturada, desenvolvemos um estudo de campo com 15 professores de diferentes escolas de ensino médio de Recife-PE. Os resultados revelaram representações sociais marcadas por mudanças, adaptação à novidade ruim, tristeza e atraso na educação. O trabalho confirma o valor da escola como espaço de convivência social e aprendizagem para os estudantes e professores, bem como os prejuízos do isolamento social decorrentes da pandemia para a educação.

Palavras-chave: Professor; Representações Sociais; Pandemia.

SHARED MEANINGS AND LESSONS FROM THE PRACTICES OF HIGH SCHOOL TEACHERS IN TIMES OF PANDEMIC

Abstract: This article aims to identify the social representations of high school in times of pandemic, constructed by teachers indicating feelings and possible lessons from the experienced practices. Using semi-structured interviews, we developed a field study with 15 teachers from different high schools in Recife-PE. The results revealed social representations marked by changes, adaptation to bad news, sadness and delays in education. The work confirms the value of the school as a space for social coexistence and learning for students and teachers, as well as the damage caused by the pandemic to education by social isolation.

Keywords: Teacher; Social Representations; Pandemic.

SOBRE A AUTORA

Laeda Bezerra Machado

Doutora em Educação. Professora Associado Departamento de Administração Escolar e Planejamento Educacional e Programa de Pós-graduação em Educação – Núcleo de Formação de Professores e Prática Pedagógica - da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Bolsista de produtividade em pesquisa CNPq. E-mail: laeda01@gmail.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9524-0319>.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Daniela Barros da Silva Freire. Se a escola pudesse ser outra coisa, que coisa ela seria? In: JORNADA INTERNACIONAL SOBRE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, 5.; CONFERÊNCIA BRASILEIRA SOBRE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, 3., 2007, Brasília. **Anais eletrônicos**. Brasília: [s. n.], 2007. p. 1–11.
- ARAUJO, Samara Carla Lopes Guerra; YANOULAS, Sílvia Cristina. Trabalho docente, feminização e pandemia. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 14, n. 30, p. 754–771, set./dez. 2020. Disponível em: <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde>. Acesso em: 25 abr. 2022.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2007.
- CUNHA, Leonardo Ferreira Farias da; SILVA, Alcineia de Souza; SILVA, Aurênio Pereira da. O ensino remoto no Brasil em tempos de pandemia: diálogos acerca da qualidade e do direito e acesso à educação. **Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal**, Brasília, v. 7, n. 3, p. 27–37, ago. 2020.
- MACEDO, Vera Lucia; SOUSA, Marco Adriano; NAVARRO, Elaine Cristina; RODRIGUES, Ataíde Lopes. Aula remota no ensino médio frente à pandemia da COVID-19: uma revisão bibliográfica. **Revista Interfaces do Conhecimento**, v. 2, n. 3, p. 1–18, ago./dez. 2020.
- MACEDO, Renata Mourão. Direito ou privilégio? Desigualdades digitais, pandemia e os desafios de uma escola pública. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 73, p. 262–280, maio/ago. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S2178-149420210203>. Acesso em: 25 abr. 2023.
- MAZZOTTI, Tasso Bonilha. Investigando os núcleos figurativos como metáforas. In: JORNADA INTERNACIONAL SOBRE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, 1., 1998, Natal. **Anais eletrônicos**. Natal: [s. n.], 1998. p. 1–12.
- MORAN, José. Educação híbrida: um conceito-chave para a educação hoje. In: BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando de Mello (Orgs.). **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.
- MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Tradução: Pedro Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2003.
- NERI, Marceli; OSÓRIO, Manuel Camilo. Evasão escolar e jornada remota na pandemia. **Revista NECAT**, Florianópolis, ano 10, n. 19, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/revistanecat/article/view/4848/3607>. Acesso em: 20 ago. 2023.
- OLIVEIRA, Dalila Andrade; PEREIRA JUNIOR, Edmilson Antonio. Trabalho docente em tempos de pandemia: mais um retrato da desigualdade educacional brasileira. **Retratos da Escola**, Brasília, v. 14, n. 30, p. 719–734, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.22420/rde.v14i30.1212>. Acesso em: 25 abr. 2023.
- PUGLIESI, Eduardo Jorge. Desigualdades educacionais e pandemia: a necessidade de uma pedagogia revolucionária. **Revista Brasileira de Educação Básica**, Belo Horizonte, ano 6, n. esp., set. 2020.
- SANTANA, Camila Lima; SALES, Karla Marise Borges. Aula em casa: educação, tecnologias digitais e pandemia COVID-19. **Interfaces Científicas – Educação**, Aracaju, v. 10, n. 1, p. 75–92, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.17564/2316-3828.2020v10n1p75>. Acesso em: 25 abr. 2023.

SANTOS, Bianca Muricy dos et al. Enfrentamento à pandemia da COVID-19 por acadêmicos de uma universidade pública na Bahia: um relato de experiência. **Práticas e Cuidado: Revista de Saúde Coletiva**, Salvador, v. 1, n. e10592, p. 1–16, 2020. Acesso em: 11 ago. 2023.

SOUSA, Clarilza Prado de; ENS, Romilda Teodora; OSWALD, Serena Erendira Serrano. A construção do pensamento social de professoras e coordenadoras pedagógicas sobre a pandemia da COVID-19: um estudo em representações sociais. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 18, p. 1–18, 2023. DOI: 10.5212/PraxEduc.v18.20929.007. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/20929>. Acesso em: 18 set. 2023.

VAZQUEZ, Daniel Arias et al. Schoolless life and the mental health of public school students during the Covid-19 pandemic. **SciELO Preprints**, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.2329>. Acesso em: 18 set. 2023.

The Creative Commons License in Revista InterMeio

CC BY-NC-SA: This license allows reusers to distribute, remix, adapt, and build upon the material in any medium or format for non-commercial purposes only, and only so long as attribution is given to the creator. If you remix, adapt or build upon the material, you must license the modified material under identical terms.

CC BY-NC-SA includes the following elements: • BY: Credit must be given to the creator; • NC: Only noncommercial uses of the work are permitted; • SA: Adaptations must be shared under the same terms.